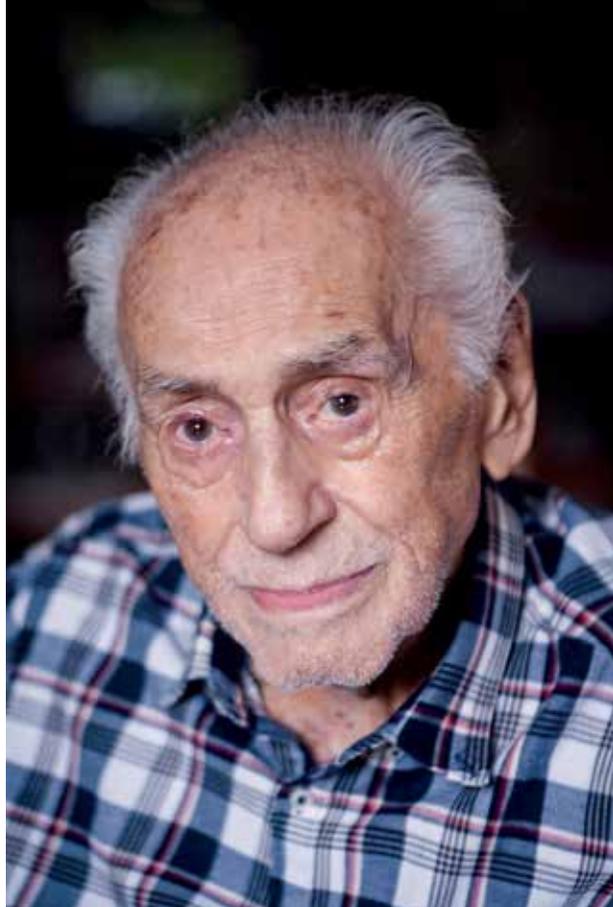


UM NATURALISTA ENTRE GEÓLOGOS

Setembrino Petri valorizava os microfósseis para refazer a história das paisagens naturais

Carlos Fioravanti



Petri, em fevereiro deste ano

A geóloga Ana Maria Góes, do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo (IGc-USP), conta que Setembrino Petri não sossegava: “Até os 90 anos saía para trabalhos de campo”. Aposentado em 1985, ele deu aulas por mais 10 anos no IGc e orientou estudantes até pouco antes de morrer, em 1º de março, aos 100 anos. Por causa de sua trajetória pessoal e profissional, ele enfatizava que era naturalista, não geólogo.

“A forma de pensar de um naturalista e de um geólogo é diferente”, comentou em uma entrevista dada a *Pesquisa FAPESP*. “O naturalista olha para a natureza, a partir de uma observação ampla, organizando o conhecimento pela integração dos vários assuntos simultaneamente contemplados. O geólogo parte a sua observação de um evento baseado em uma pergunta circunscrita ao seu campo de trabalho, completando ou remodelando um corpo de conhecimento prévio.”

Nascido em Amparo, Petri ingressou em 1942 no curso de história natural da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP – não havia ainda curso de geologia em São Paulo. “O

clima tenso dos últimos dias da Segunda Guerra Mundial tingia o nosso cotidiano de uma aura de preocupação, trazendo profundas incógnitas sobre o futuro; éramos ocupados por um senso de responsabilidade, talvez pesado demais para a nossa idade”, ele escreveu no livro *Crônicas da paleontologia brasileira*, organizado por Rafael Delcourt e Renato Pirani Ghilardi (Letra1, 2022).

Formado em 1944, Petri trabalhou por quase um ano no Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo, antes de ingressar no doutorado em história natural na USP, em 1945. Concluído em 1948, seu doutorado, sobre fósseis marinhos do Paraná com idade de 419 milhões a 370 milhões de anos, apresentou uma nova abordagem para a época, chamada de paleontologia estratigráfica, que associa os fósseis às camadas geológicas onde foram encontrados.

Ele começou a se interessar por microfósseis – restos de esqueletos de organismos microscópicos, com milésimos de milímetro a poucos centímetros de comprimento – quando Antônio Rocha Pentead, um colega do Departamento de Geografia da FFCL, entregou-lhe lâminas de calcário trazidas do Pará.

Elas continham muitos microfósseis de organismos unicelulares marinhos conhecidos como foraminíferos.

Para estudá-los, conseguiu uma bolsa no Cushman Laboratory of Foraminiferal Research (hoje Cushman Foundation for Foraminiferal Research), nos Estados Unidos. Ele estava lá quando a direção do Conselho Nacional do Petróleo (CNP), por indicação de Leinz, convidou-o para estudar os fósseis de áreas de sondagens. Petri deixou a USP e em 1950 começou a trabalhar para o CNP em Belém, onde montou o primeiro laboratório de micropaleontologia do Brasil. Em 1954, quando o CNP se transformou na Petrobras, ele reingressou na USP.

No IGc, Petri fez mapas paleogeográficos, com a distribuição de animais marinhos ao longo da costa brasileira há milhões de anos, e descreveu dezenas de novas espécies de foraminíferos – a descrição mais recente, de espécies da península Antártica com idade entre 22 milhões e 11 milhões de anos, foi apresentada em um artigo de janeiro de 2022 na *Journal of Paleontology*. Ele argumentava que os microfósseis eram abundantes e muito úteis para definir a idade de formações rochosas. ■